

# Nós, brasileiros, e a economia política

Tte. Cel. Murillo T. Barros

Quando fazemos a comparação de Rui Barbosa com Osvaldo Cruz, 90% dos brasileiros colocam o famoso homem de letras muito acima do notável higienista, traduzindo assim um dos mais curiosos aspectos da vocação nacional.

Não vamos contestar aqui essa preferência e nem procurar empanhar o brilho dessa relíquia republicana, glorificada pelo exagero dos apologistas.

É que, no Brasil, damos mais valor a um bonito discurso que a um trabalho técnico ou científico. Por vocação nacional, ficamos deleitados em ouvir as citações líricas ao nosso clima, "ao céu de puríssimo azul" e ao esplendor da natureza tropical, cheia de verdura e perfume, que causam inveja às Geórgicas de Virgílio e a Telemaco de Fénelon.

O livro de Afonso Celso, sob o sugestivo título: "Porque me ufano do meu país", criou uma mentalidade ufanista, que passou a ver, no Brasil, uma das sete maravilhas do mundo e completou, sem querer, a influência prejudicial que Rui Barbosa exerceu em sua época.

Essas duas influências combinadas deram em resultado o total desconhecimento dos problemas econômicos do Brasil, a ignorância completa das nossas possibilidades e limitações, a colocação das realizações no campo teórico das boas intenções e a escolha de administradores entre os oradores brilhantes e felizes.

O primeiro magistrado da nação brasileira, antes de tudo, deve falar bem e mostrar em seus discursos uma vasta erudição, com cintilações refulgentes de eloquência.

Ainda não sabemos fazer a diferença entre o dizer e o fazer, pois o homem realizador, por ser possuidor de senso objetivo, limita suas palavras ao estritamente necessário e não perde tempo com divagações.

O idealista, que enriqueceu a sua inteligência com

os livros, mostra conhecimentos teóricos de um assunto nem sempre possíveis de realização. E, quando há falta de energia do realizador, as palavras douradas de eloquência perdem todo o valor.

Vejamos o exemplo dos Estados Unidos.

O discurso de um presidente norte-americano não tem arrobas de eloquência e nem é uma primorosa peça literária. Não cita os nomes de Washington, Jefferson, Lincoln e outros estadistas que honram a democracia. Tem a seriedade de que procura corresponder à confiança da nação. E é a voz que traduz a conciência de um povo.

Quando compararmos a Mensagem do Adeus, a Oração de Gettysburg e os discursos de Roosevelt, trabalhos feitos em diferentes épocas e que refletem a personalidade de cada autor, ficamos surpreendidos em encontrar uma grande unidade de pensamento e uma perfeita conciliação de propósitos.

Mas não vejamos nisso uma vitória do dólar que abona a aristocracia dos magnatas de Wall Street. Outros fatores contribuem para tão surpreendente resultado: posição geográfica, clima, solo, riquezas naturais, fatores históricos, melhor colonização, educação cívica, compreensão exata da democracia, disciplina política e noção de coletividade que nenhum outro povo possue.

Nos Estados Unidos, no país clássico da mentalidade utilitária, as suas universidades preparam em 4 ou 5 anos um engenheiro, um médico, ou um bacharel em Direito. Mas o curso de Economia Política dura 9 ou 10 anos e os alunos, que a frequentam, são homens feitos e têm uma noção de responsabilidade melhor que qualquer universitário.

O meio político saneado oferece campo largo para as atividades de um economista, cujos estudos e opiniões são acatados e obedecidos. A disciplina partidária impõe respeito às opiniões dos especialistas.

Justamente, o contrário sucede em nosso país.

A Economia Política ou antes a Ciência da Riqueza é estudada nas Faculdades de Direito, durante 9 meses, tempo exíguo para saber as definições e conhecer as ligações estreitas com as outras ciências que a compõem.

Ela é formada pelo conhecimento de várias outras ciências que tenham ligação com o progresso econômico de um país.

A Ciência da Riqueza tem ligações com a Geografia, Geologia, Botânica, Etnografia, Sociologia e Política.

Estuda a localização do país com relação a outros para deduzir a sua importância comercial; leva em consideração o relevo do solo (orientação das montanhas e curso dos rios, quedas d'água) para resolver os problemas das vias de comunicação e aproveitamento de energia hidro-elétrica; estuda o clima (regimen de chuvas, temperatura, orientação dos ventos) por estar intimamente ligado à agricultura; estuda as plantas para estabelecer a sua correlação com as diversas culturas; estuda a formação geológica para localizar barragens e explorar as riquezas naturais (minérios e lençóis de petróleo); estuda a natureza e qualidade do solo para empregar os fertilizantes necessários; abre a História para acompanhar a evolução econômica do povo e salientar a influência dos fatores políticos e geográficos; abre a Etnografia para saber os pendores raciais, a capacidade e as limitações do povo e estabelecer até que ponto o meio influenciará o indivíduo; e, finalmente, estuda as leis orgânicas do país, a divisão política, a organização administrativa e financeira (rendas, despesas, orçamento) no sentido de estabelecer a maior ou menor reação aos empreendimentos que deverão ser realizados.

Reconhecemos ser difícil, senão impossível, resumir em um despretencioso artigo a enorme importância da Economia Política, e as poucas linhas que escrevemos mostram claramente a vastidão e complexidade do assunto.

Tivesse o Brasil a melhor faculdade de Economia Política do continente, com um corpo docente selecionado pelo critério do merecimento, e capacidade, os problemas econômicos do Brasil continuariam sem solução...

Os aventureiros políticos, que manejam a massa do eleitorado semi-consciente, não deixariam cumprir nenhum programa e nem realizar nenhum empreendimento, pois só enxergam suas ambições e seus interesses.

E iriam além. Contestariam os planos e estudos dos economistas, com argumentos de "oitiva", na presunção de se suporem entendidos no assunto.

É de causar receio que, nesse país de imitações, o estudo da Economia Política, pela multiplicidade de cópias, se transforme em um tipo internacional. E, sendo assim, teríamos trigo plantado pelo processo russo, usado na Sibéria; os baianos passariam a plantar laranjas como se faz na Califórnia; as estradas de ferro fariam imitações baratas das norte-americanas e o "soberbo" ministério da Agricultura talvez tentasse plantar tulipas no Ceará...

Mas, esperamos que o esforço abnegado de uma dúzia de brasileiros dignos, que não escrevem livros (Conclui na 10a. página)